

22-05-2020

JOGA TUDO NA COBRA

Rodrigo Emídio Silva

[Geógrafo. Professor na rede estadual e municipal Goiânia/Goiás.
Membro do Grupo de Estudos Dona Alzira/Goiás]

O câncer comia Dim Vila Verde e, com uma risada seca, essas foram as últimas palavras de consciência:

“Joana, sonhei com um sapo, pega esses 20 reais e joga tudo na cobra”. As visitas mais sensíveis viram, naquele momento, a alma sair pela íris, o embaço tomou o verde brilho dos olhos. A boa gozada, com a morte à espreita, é a potência da esperança humana. O velho não riu da morte, ele comemorou a vida.

Uma certa vez, um jovem professor de metodologia científica me enganou direitinho, ele disse: *“O se e o talvez não participam do método. A ciência é fato que se comprova”*. Bebi desse líquido amargo e, por muitos carnavais e natais, acreditei que a ciência dava todas as respostas. Merleau-Ponty avisou que a ciência moderna fazia um voo de águia e ela precisava descer ao mundo das experiências, ou seja, ao mundo da vida. Seria a ciência um “divino maravilhoso” da razão? A vida acontece no trocado de ônibus, na comemoração ou no choro das torcidas, na cerveja gelada, no coro da roda de samba e na desarmonia das vozes. Esse *“A palo seco”* sem guitarra corta a carne da ordem, do homogêneo e do retilíneo que cheira enxofre fascista. Viver é a fé em fazer uma “fezinha”. Pois bem, o pulsar o humano transborda qualquer barragem científica. O cotidiano é a rotina que contém o infinito das possibilidades orquestradas pelo acaso. A esperança é a marca de nascença que os humanos carregam. A potência virtual da sorte faz o bom malandro aguentar uma longa fila, para jogar na Mega-Sena. Lá, no calor, ele faz planos com a grana que ganhará. Ausenta-se do físico e viaja pelas mansões, mesa farta e roupa de bacana.

A riqueza, provavelmente, não virá, mas jogamos pelo direito do sonho. O devaneio suaviza o fardo do fato, a imaginação expande sobre a espera.

Einstein, em uma carta para o físico alemão Max Born, escreveu: *“Deus não joga dados”*.

Nós, os humanos, jogamos os dados, as cartas e, claro, no bicho. Ter a cegueira do futuro é viver a larga experiência do presente. A onisciência, a onipotência e a onipresença roubaram o direito da esperança e do acaso dos seres divinos.

Que graça teria jogar os dados e sempre saber o resultado? Os humanos deveriam dar o perdão aos seus deuses e libertá-los da cela da eternidade.

Os deuses moram em nuvens, não têm peso e nem cheiro. Para sentirem dor, o verbo tem que se fazer carne. Os sentidos dão sentido à vida, o corpo é a casa da alma e a pele é roupa do tato. Viver é, sobretudo, experimentar as temperaturas, a cerveja deve ser gelada, mas *“a felicidade é uma arma quente”*, como disse Belchior. Os anjos da guarda jamais saberão da alegria operária do banho depois de um dia de lida.

A leitura da vida, como no jogo, precisa de todos os sentidos para entender os sinais e nasce na experiência uma filosofia. O Dim quando sonhava com o cavalo, sempre jogava no cachorro. Quando via uma gatinha no cio, jogava no jacaré. Se o genro religioso o visitasse, ele apostava cedo no burro e, ao meio-dia, no pavão. Os sinais nos enganam e não brotam do óbvio. Afinal, o santo pode ser de pau oco e o messias pode não fazer milagre, mas a tragédia.

A casa é um arquétipo da síntese, pois une opostos.

A esposa, tomada pelo vil realismo, repetia a mesma frase: *“Eu ganho todo dia, nunca joga”*. Não apostar é um ato de segurança, é entrar no rio até onde dá pé e comer frango todos os domingos. Duas pessoas tão distantes, mas aproximadas por paredes. Ao longo do curso hidrográfico da vida, o nosso bonachão personagem arrependeu-se das jogadas erradas e das péssimas partidas. Sua esposa condenava-o por cada carta mal descartada: a amargura é o refluxo da alma. Quando passo por aquela casa, vejo que as pálpebras das janelas estão baixas, as portas são bocas miúdas. As paredes fazem respirar profundo e buscam no passado as imagens necessárias para manterem-se firmes no chão. Acredito que a mais sólida construção precisa de poesia e coragem. Ter esperança é advogar para o futuro e desafiar as evidências do real.

Um grande amigo, de tão grande que possui o sufixo de mar no nome, sempre me solta aos ouvidos: *“O ser humano não é feito para dar certo”*.

Carrego essa tese bem próxima à pedra de Sísifo e ao fígado de Prometeu. O leitor pode perguntar-se se naquele dia deu cobra. Não, naquele dia deu galo. Cobra feliz é aquela que fez a refeição.

Na última aposta de sua vida, Dim não soube ler os sinais. Na verdade, talvez, ele nunca soube ler.

Afinal, viver é errar até o último suspiro.

■ ■ ■

OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da Coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.